

CAMPINA GRANDE EDUCA(DA) : PENSANDO A EDUCAÇÃO A PARTIR DO DISCURSO JORNALÍSTICO DO SEMANÁRIO VOZ DA BORBOREMA DE 1938

Maria Raquel Silva*

UFCG

E-mail: maryaraquel@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo, fruto das leituras realizadas sobre os indícios encontrados nas nossas primeiras aventuras investigatórias nas laudas do semanário Voz da Borborema, tem por pretensão pensar qual espaço foi dado a educação escolar nas vozes dos jornalistas em 1938, focalizando, primordialmente, uma crônica de Cristiano Pimentel, a Raymundo Viana. Para tanto, partilhamos em nossas análises com historiadores culturais que vêem o texto como um signo onde o leitor poderá produzir seus significados, ou seja, uma representação. Sendo assim, estamos cientes de que a imprensa da época partilhava das propostas educacionais que pregava o ajustamento da população ao ideário civilizador.

Palavras-chave: história da educação; discurso jornalístico, políticas educacionais.

1- A VOZ DA BORBOREMA: VEICULANDO OPINIÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM CAMPINA GRANDE DE 1938

Nas páginas do semanário Voz da Borborema podemos ler, ouvir, sentir a presença de discursos sobre a educação formal no Estado da Paraíba e, especialmente, na cidade de Campina Grande. São discursos que, na maioria dos casos, reivindicam uma melhoria nas estruturas escolares para daí promover o "progresso" e a "civilização" daquela sociedade. A crônica de Cristiano Pimentel é um exemplo destes discursos "reivindicatórios" de melhoria, denunciadores da situação educacional no Estado e de propaganda de determinadas concepções de educação. Além disso, encontramos nas laudas amareladas vozes que tornam visíveis os projetos e as ações do Interventor Estadual Argemiro de Figueiredo no que diz respeito à educação do povo paraibano naqueles anos.

Na década de 1930 o Brasil passava por várias mudanças econômicas, urbanísticas, sociais e culturais. Dentre estas mudanças, não poderíamos deixar de acrescentar as mudanças

* Aluna do Curso de Graduação (Bacharelado) em História da UFCG, licenciada em História pela UFCG em 2006 e professora da rede pública de ensino de Campina Grande.

nas políticas educacionais propostas não somente para Paraíba como também para a Paraíba. Pensando nas modificações propostas e vivenciadas procuramos refletir como os discursos jornalísticos veicularam e opinaram sobre o novo modelo educacional que estava sendo pensado e discutido entre os intelectuais da educação. Não perdendo de vista o contexto histórico nacional, este era o momento em que Getúlio Vargas, por meio da Reforma Francisco Campos e alguns intelectuais, inspirados no modelo de escolanovista, propunham mudanças na educação de modo a promover o progresso da sociedade. Desta forma, partimos de inquietações como: Como jornalistas representaram a educação nas colunas escritas no Jornal Voz da Borborema de 1938?

Com o novo modelo de organização política, o Estado Novo, as políticas educacionais no Brasil tomaram um rumo diferenciado das decisões tomadas no início da década de 1930. Com a constituição de 1937 "o Estado Novo se desincumbia da educação pública através de legislação máxima, assumindo apenas um papel subsidiário. Na carta Constitucional de 1937 ficou estabelecido no artigo 130, que a educação primária seria obrigatória e gratuita (gratuita só para aqueles que provassem não ter condições de subsidiar). Ao percebermos estas questões de âmbito nacional observamos que, em se tratando da instrução na Paraíba, no início do século XX, especificamente na década de 1920 existiu por parte dos governantes uma preocupação em combater o analfabetismo o que levou o estado a modernizar a educação por meio da criação de novos estabelecimentos escolares.

Com relação à educação nos primeiros momentos de República no Brasil e esse sistema governamental na Paraíba, Antônio Carlos Pinheiro nos mostra que podemos verificar a instrução na Paraíba na primeira metade do século XX dividindo em dois momentos. O primeiro momento corresponde de 1916 a 1929 períodos que se caracterizam pela coexistência de dois modelos de instituição escolar, as escolas rudimentares e as escolas elementares, e as escolas reunidas e os grupos escolares. Este momento foi marcado pelas cadeiras isoladas, onde os alunos recebiam aulas individualmente com cadeiras, disciplinas, isoladas compreendendo geralmente o ensino a ler a contar, ou seja, o ensino elementar que correspondia há quatro anos e ocorria em escolas com uma sala de aula apenas.(PINHEIRO, 2002: 123-124)

No entanto, diante da situação posta constitucionalmente, observamos que em Campina Grande entre 1938 as questões educacionais formais eram objetos de discursos e ações do Estado da Paraíba. Nas laudas da Voz da Borborema naqueles anos é marcante a presença de notícias falando sobre ações do Interventor Argemiro de Figueiredo e suas políticas para a educação. Estas notícias contribuem para elaboração da imagem de um Estado que não queria apenas ser visto

como subsidiário da educação; intentava ser visto como principal promotor da educação pública e renovada no Estado.

A instrução pública esta largamente disseminada por todo Estado, por meio de escolas ruraes, rudimentares e elementares, em número considerável, os grupos escolares e escolas profissionais abrigam mulheres e crianças que se preparam profissional, intelectual, cívica e moralmente para bem servirem à pátria. (RAYMUNDO VIANA, Jan. de 1938)

O número de escolas na extensão rural da Paraíba e a presença, nestes espaços, de crianças e mulheres, futuros servidores da pátria, constituíam no discurso do jornalista Raymundo Viana sinônimos da forte presença do Estado na promoção da educação. Com discursos como este construía-se assim, por meio da imprensa escrita, a imagem de que a Paraíba estaria bem servida de escolas em um momento de euforia, de organização da educação pública e da criação de grupos escolares. Nestes discursos, a educação aparece como formadora do cidadão servidor da pátria.

De acordo com Antonio Carlos Pinheiro, o momento de "euforia educacional", na Paraíba teve início nos primeiros anos de 1930 se estendendo até o fim da década de 1940, criando uma maior oferta no número de grupos escolares apoiados no ideário escolonovista. (PINHEIRO, 2002, 182)

O modelo "escolanovista" primava pelo método de trabalho em grupo, frisando os trabalhos feitos manualmente e os estudos de psicologia, descentralizando a figura do docente, dando lugar a criança, aluno, no processo educacional. "A escola renovada pretendia a incorporação de toda a população infantil. Serviria de base à disseminação de valores e normas sociais em sintonia com os apelos da nova sociedade moderna, construída a partir dos preceitos do trabalho produtivo e eficiente" (VIDAL, 2003: 498)

Com isso, verificamos que o novo na educação se dava com a negação do modelo já existente e a centralização do aluno visava atender as exigências das normas higienistas e da disciplinarização dos corpos dos alunos, servindo de base para expandir os valores e as normas sociais, construídos a partir dos interesses do trabalho produtivo e eficiente. Essa renovação criou uma nova dinâmica nas relações do corpo escolar, pois os sujeitos da educação inverteram seus lugares, se antes o professor era o centro da educação, pois possuía o conhecimento, com a renovação do ensino as políticas educacionais se volta para o corpo estudantil.

No entanto, em contraponto ao discurso de que na Paraíba a educação de 1938 estava propagada nos quatro cantos do Estado, Cristino Pimentel ecoa sua crônica uma contra posição e uma

nova leitura sobre a atuação do Estado na educação. Narra o cronista Cristino Pimentel que indo até uma instituição escolar matricular uma criança e vendo a situação da escola lembrou de seus antigos mestres, e assim faz uma análise da situação educacional no Estado da Paraíba, diferenciando a escola de seu tempo de menino e a situação da escola em 1938, assim ele revela:

(...) Tanto joio para falar de uma palestra que num bom momento tive com o professor Severino Loureiro e a professora Apolônia Amorim, no grupo escolar Solon de “Lucena”, onde me levou a necessidade de matricular uma menor que tenho aos meus cuidados.

Ao transpor os batentes do grupo receberam-me os cumprimentos amáveis de algumas professoras que alli se achavam como pintasilgos no trigal. No gabinete em festa de riso, coisa que tem quando se é contente com a profissão, saudou-me o professor Loureiro, alma abnegada da instrução em nossa terra.

Trocados os cumprimentos entrei no assunto que me levara aquella casa futura, onde um bandão de avizinhas humanas ensaiam o voo do espírito, aprendendo o ABC, para mais tarde, galgando postos na officina da vida, amarem a pátria, a Deus e a família.

Não fora a palestra boa e interessante, que fez viver meu espírito, do professor Severino Loureiro e da professora Apolônia Amorim, a harpa da tristeza teria feito o seu coro dentro de mim. Dado o que pude compreender e verificar da deficiência do ensino primário em minha terra.

Campina Grande, depois da capital, é o maior núcleo escolar do Estado e conta somente com dois pequenos grupos para uma população de 40 mil habitantes, e, aproximadamente, para 6 mil crianças em idade escolar.

Vê-se, portanto, daí do quanto necessitamos de professores e de grupos para o preparo desta força em começo.

Mostrou-me o professor Loureiro um plano de remodelação para Sólón de Lucena. Executando este plano o grupo ficaria capacitado para atingir bem a sua finalidade. O oxigênio entra alli como que medido escassamente.

A página 83 da mensagem do interventor Argemiro de Figueiredo, do dia 1 de setembro do anno passado, está documentada a reforma e ampliação do grupo escolar Epitácio Pessoa, na capital. A mesma coisa deveria ser feita no Sólón de Lucena em Campina Grande, uma vez que se verifica a falta de verba para a construção dos que a cidade precisa.

Escrevendo esta crônica o intuito do autor é concorrer com a gota d'agua para a melhoria da instrução primaria em nossa terra.

É melhor ter água sem se ter sede do que ter sede não se tendo água. Entendem-me os que só dever e interesse devem ter neste assunto, com a visão do bem colectivo. Dito cabe cada um correr depressa e constatar que não é sem fundamento essa crônica (CRISTINO PIMENTEL, 16 de fev. de 1938)

No entender do historiador Fábio Gutemberg R. de Sousa, o cronista Cristino Pimentel buscava com seus escritos mostrar aos poderes públicos as instrumentarias que faltavam para que Campina Grande se tomasse uma cidade formosa, amiga do progresso e amante da civilização. Para isso, Cristino Pimentel abordava em suas crônicas temas como os problemas com a coleta de lixo, com saneamento e com a instrução. (SOUSA, 2003: 142)

Na coluna titulada “Coisas da Cidade” o cronista aborda os diversos aspectos que envolvem a escola e as relações dos sujeitos escolares. Em sua fala, percebemos a importância que se dava ao professor na formação das gerações futuras, ficando claro a imagem que tecia-se para os professores, esses deveriam procurar de maneira “dócil” integrar os alunos dentro do perfil de normalidade que lhes era cobrado por discursos médicos, políticos, higienistas, eugenistas e etc. Era assim atribuída aos professores à função de moldar as mentes e os corpos saudáveis e civilizados para a formação da sociedade “moderna”, “progressista” e “civilizada” “(...) O corpo humano é socialmente concebido e a análise da representação social do corpo oferece umas das numerosas vias de acesso a estrutura de uma sociedade particular”. (RODRIGUES, 1979: 44) .

Isso se deu, principalmente, com as mudanças no comportamento e na maneira das pessoas se conceberem e verem o outro. As modificações no ensino podem ser então percebidas como estratégias que foram utilizadas pelos saberes na tentativa de tornar a escola um lugar de elaboração do homem moderno "a escola, portanto, destinava-se a suprir o homem do conhecimento acumulado pela humanidade e o mestre era esse, personagem indispensável na condução adequada e sistemática do saber"(OLIVEIRA, 2002, 230)

Neste sentido buscou-se no discurso civilizador, que como nos esclarece Nobeit Elias, se baseia em um conjunto de mudanças geradas na conduta e nos sentimentos, nem sempre calculadas, mas que são frutos do monopólio das relações entre os indivíduos e da repressão destas relações, tomar a educação como um dispositivo de civilidade. Essa visão difundida por educadores, pelo Estado, pela mídia, por médicos e demais saberes levou a educação escolar a ser vista, no início do século XX, como uma instituição pela qual se manteria controle dos sujeitos. Além disso, essa escola civilizadora procurava disciplinar as pessoas para o autocontrole emocional.

No que diz respeito à instrução, o cronista mostra que a educação é importante para as novas gerações, pois a partir dela pode-se gerar futuros cidadãos com um espírito de independência e de valorização da moral e dos costumes. Para isso, caberia aos poderes competentes voltar uma maior atenção às questões educacionais, pois por mais que o Estado, até então, tenha difundido o ensino e o número de estabelecimentos escolares o número de vagas

escolares oferecidas ainda estava longe de atingir as necessidades escolares da sociedade campinense, tendo em vista que Campina só contava com dois grupos escolares na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, fica claro que devemos ter cuidado ao trabalhar com a fonte jornalística. Não custa, sempre que possível, questionar de onde partem os discursos, o contexto de elaboração dos mesmos, confrontar com outras fontes e outros discursos, pois só assim nossos trabalhos em História da educação poderão fornecer sentidos viáveis. Esse processo precisa ser feito devido à imprensa de qualquer época em estudo ter seus interesses políticos e também mercadológicos, dialogando na maioria das vezes com uma minoria alfabetizada, ou, uma elite intelectual, portanto, expressava uma idéia conservadora nas propostas educacionais, ou de ajustamento da população ao ideário civilizador europeu: letrado, trabalhador, higiênico, regrado moralmente. Os discursos de Cristino Pimentel, Raymundo Viana e demais cronistas e jornalistas não são de pessoas ligadas diretamente a educação, mas de cidadãos campinenses preocupados com a educação das gerações contemporâneas e a formação das futuras.

As falas impressas na *Voz da Borborema*, especialmente aqueles que noticiam as obras governamentais para educação, podem ser tomados como discursos interessados em divulgar as ações governamentais e em evidenciar a preocupação do Estado com a instrução. As duas opiniões que trabalhamos neste artigo partem do mesmo momento e do mesmo veículo de comunicação. Com elas observamos como ocorreu à expansão das escolas em Campina, de acordo com as decisões tomadas pelo Estado, que procurou acompanhar o ritmo nacional de expansão das escolas, as preocupações com a educação estavam voltadas para as questões de modernização, fundamentadas no ideário progressistas, mas, em grande medida, as escolas de Campina Grande ainda eram em número reduzido, embora o discursos procurassem promover as ações do Estado ficou visível que havia insatisfação na forma que era conduzida as políticas educacionais no estado da Paraíba, principalmente, em Campina Grande que contava com apenas dois grupos escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*/ Norbert Elias; tradução da versão inglesa, Ruy Jungman; revisão, apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993
- OLIVEIRA, Iranilson B. *Façamos a Família á nossa Imagem: a construção de Família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30)*. Recife, 2002. Tese (Doutorado em História) CFCH, Universidade Federal de Pernambuco.
- PINHEIRO, A. C. F. *Da era das cadeiras isoladas à era dos Grupos escolares na Paraíba*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.
- RODRIGUES, José Carlos. 1979. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: 1979
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.) *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- SOUSA, Fabio G. R de. Cristino Pimentel: Cidade e Civilidade em Crônicas. In: *A Paraíba no Império e na republica: Estudos de História social e Cultural*. João Pessoa: Idéia, 2003.
- VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane M. Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de e VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VOZ DA BORBOREMA, Campina Grande, 25 de Jan. de 1938. Raymundo Viana
16.02.1938. "Coisas da Cidade" Cristino Pimentel.
-

